

U ESTUDOS
UNIVERSITÁRIOS
DE LÍNGUA
E LITERATURA

Homenagem ao

*Prof. Dr. Leodegário
A. de Azevedo Filho*

tb tempo brasileiro

APRESENTAÇÃO

Antônio Houaiss
(Da Academia Brasileira de Letras)

Esta miscelânea de estudos, reunida e editada em homenagem à emergência e benemerência do Professor Leodegário Amarante de Azevedo Filho, oferece, em seus lugares próprios, uma súpula de sua vida profissional e intelectual, e um curriculum vitæ, um cursus honorum e bibliografia seus que me permitem não duplicar aqui considerações comentárias a tais respeito.

Que me fique o entusiasmo apoloético com que busco louvá-lo nesta sua perdurante saúde física e mental que lhe tem propiciado ser o companheiro exemplar – de sua Ilka, dos seus filhos, de seus colegas, de seus alunos, de seus discípulos, de seus amigos, de seus admiradores, de seus correspondentes dentro e fora de nossas fronteiras e dentro e fora de seus temas e problemas –, o professor exemplar e o pesquisador e ensaísta exemplar.

Sem querer exaltar e realçar as diversas facetas de sua personalidade rica de atuação e produção, que me seja lícito referir o fato de que, já no início da carreira, logo então no magistério superior, sempre em função apaixonada desta sua e nossa língua portuguesa, foi um fiel servidor das suas modalidades oral e escrita, compenetrando-se de a modernidade, pelo menos em termos lingüísticos e languageiros, não poder ser apenas lingüisticamente compreendida, se não o fosse também, em concomitância, filologicamente enfrentada, já que esta sua e nossa língua é uma língua que – embora com impropriedade nomenclatora generalizada – temos não apenas o direito senão que o dever de reputar e cultivar como uma das dez mais proeminentes e preeminentes línguas de cultura do mundo: e isso, não porque seja quantitativamente falada por uma das mais numerosas fônias do mundo – sinofonia, anglofonia, hispanofonia, hindofonia, russofonia, lusofonia, arabofonia, francofonia, nipofonia, germanofonia –, senão que é também cultivada, no seu estatuto escrito, há pelo menos um milênio, para mais, para muito mais, já que no código escrito não houve descontinuidade entre o seu vulgar e as formas 'clássicas' escritas anteriores – no caso concreto do português (e de qualquer língua românica de cultura), o vulgar documentável

(século VIII-XIII) logo se reembebia no latim escrito, que envolvia o grego, 'clássicos', desde as suas primeiras documentações.

Ouso crer que – e não atino em que para tanto pudesse haver alternativa no processo humano –, ouso crer que sem a consolidação da escrita, as línguas – expletivamente ditas da humanidade – jamais teriam podido ter os índices numéricos de usuários atuais – o que nos daria um quadro em que, dentre quatro mil a onze mil línguas, estaríamos (a estarmos) com um número notavelmente superior, com seqüelas culturais e civilizacionais por certo muito diferentes e mais complexas e talvez já menos viáveis que hoje em dia. Continuamos a viver e a conviver com o Homo loquens pitorescamente, como se pudéssemos ser ou ter sido Homo infans – esquecendo que só podemos ser Homo porque somos loquens (e, de uns poucos milêniozinhos para cá, graphans ou – para os que o preferirem – scribens..).

Desde o início de sua atividade, nosso Mestre compenetrou-se disso. Daí, a diversidade de frentes em que, como – paralelamente ao seu magistério – pesquisador e autor, se empenhou.

A sua produção didática foi posta a serviço da transmissão da língua – numa compreensão cedo madura da alta criticidade desse fenômeno, escusa dizer que só da ordem humana, e – mais – da ordem humana moderna. Durante muitos milênios, desde nossa aurora na Terra, adquirimos língua (não é ela a fundadora do Homem?) – cada um na sua grei, horda, grupo, clã, tribo, natio, nação – sem que houvesse escolas, professores, alunos, arregimentações transmissoras, ensino, pregação, predicação... Nos momentos mais altos e finais desse processo, culminamos com cantores, profetas, vates, sibilas, piagas, druidas, pajês que – eleitos por sua vocação com capacidade mnemônica – mantinham o culto da oratura, essa literatura antes da littera e da escritura. Mas a partir de um certo momento – muito recente, relativamente à nossa escala temporal – nasceu o fenômeno durante muito tempo buscado na escrita, que, contábil de início, poucos milênios depois se fez literoverbal: em curto lapso de tempo, o acervo historicamente acumulado na permanência escrita mostrava que, se escrita, uma língua revelava uma necessidade inarredável, a de depender do ensino: o escriba-sábio se fazia, assim, preceptor vida afora de alguns aprendizes de escribas-sábios e, não raro, de uns poucos príncipes ou fidalgos ou sacros: tais línguas, como traços genéricos originais, eram não raro, além de sacras, secretas e sempre pouquíssimo numerosas no ecúmeno; e até – quase sem dúvidas a tal respeito – os fins do século XVIII, anteontem ou inda ontem, jamais superaram, numa lentíssima conquista quantitativa, mais de 2% dos grupos humanos em que elas, escritas, floresceram.

A partir de então, desse mirífico século XVIII – momento crítico da espécie – umas quantas dessas línguas históricas – isto é, documentadas pela escrita em sua estrutura (sincronias e diacronia) e seu acervo lexical – passaram a grandes línguas modernas de cultura, usadas para todos os fins

humanos, divinos ou diabólicos: a serviço de sociedades que pelo século V-VI chegavam a uma divisão do trabalho físico e mental entre 50 saberes e fazeres profissionais, hoje essas línguas de cultura são intercomunicantes em 30 mil áreas de saber e fazer diferenciadas, transitando de léxicos (já enormes em relação às ágrafas) de 30 mil palavras dicionárias para algumas que já hoje acumulam para mais de 450 mil, com expressividade cada vez mais requintada nos usos atuais e potenciais de sua morfologia, sintaxe e estilística. Língua de cultura que aspire à sobrevivência tem de ter um exército – pacífico – de militantes, mestres, alunos, escolas, verbas... Eis-nos aqui com um nosso generalíssimo.

Pois aí nessa área, aqui neste Brasil, a serviço desta nossa língua é que tem vicejado o esplêndido labor didático de nosso Mestre, sem pruridos latentes ou patentes de subestimação de quaisquer fenômenos dialetais populares ou cultos, horizontais ou verticais, sincrônicos ou diacrônicos ou cronoletais, e sem conivências com aqueles que, não compreendendo a essência ou natureza das línguas de cultura, querem inventar para estas umas quantas fórmulas simplificadoras de ensino que, na verdade, apenas coonestam o erro bissecular que as classes dirigentes do Brasil vêm cometendo, com alegarem que a nossa nação, ou sociedade, ou estado, ao longo dos dois últimos séculos, não têm tido recursos para sustentarem uma transmissão escolarizada do saber de forma universal e gratuita, da base, por 8 a 10 anos mínimos, com 6 a 10 horas por dia, de 220 a 240 dias por ano – em que o único elo entre todos os estudos é culto profundo da própria língua, porta de entrada e caminho de todas as luzes.

Não foi, assim, nada mais que natural que o nosso Mestre, em concomitância com a sua prática do magistério e sua produção artística, se votasse também à vida dos textos de nossa língua, já através de estudos ditos lingüísticos ou languageiros ou filológicos, já de estudos estilísticos, críticos, histórico-literários, bastando trazer à nossa lembrança nomes – e suas obras – como Anchieta, Guimarães Rosa, Cecília Meireles, Abelaira, Fernanda Botelho, Fernando Pessoa, Vergílio Ferreira, Eça, Machado, Tasso da Silveira, Murilo Araújo, Bocage, Alfredo Margarido, Clarice Lispector, Pedro Meogo, Joan Garcia de Guilhade.

Num dado momento – cedo, felizmente (o que lhe permitiu levá-lo a cabo) – um projeto, mais audacioso e mais temerário do que qualquer outro, para si mesmo, Leodegário, ou para qualquer confrade seu, assaltou-o, no convívio fecundo com a universalidade dos problemas da transmissão e fixação textual – base do rigor com que se podem aferir fenômenos literários e extraliterários encerrados em quaisquer universos verbais concretizados nos discursos de nossa língua.

Havia Camões. Havia-o, de um lado, como o épico de Os Lusíadas, cujo texto, mesmo com exeogitações especiosas, é de meridiana clareza, pureza, autenticidade, e, de outro lado, o lírico de umas rimas certamente maravilhosas, mas inequívoca e susceptivamente infladas nas sucessivas

edições – até bem adentro do século XIX –, em que os salvadores do espólio acrescentavam – por amor, admiração, intuição, indiscernimento e até vaidade – poemas a poemas, sonetos a sonetos, numa desfiguração irrespeitosa da criação do Poeta Maior.

E havia uma descrença de que esse mal fosse sem remédio, tão emburalhados, através do tempo, estavam os dados do problema.

Mas aos poucos houve também um esboço de metodologia teoricamente encaminhável para recuperar a obra lírica em causa. Como preliminar, havia que juntar todos os textos, impressos ou manuscritos, autógrafos (que nunca se acharam!) ou apógrafos, de Camões ou atribuídos a Camões em vida ou logo após sua morte, submetendo-os a todos os rigores heurísticos, hermenêuticos e exegeticos possíveis, quanto à sua validade testemunhal e documental, estudando-os quanto à autenticidade temporal, à pureza do seu estado e à identificabilidade dos que se referiam a um mesmo poema – sabendo, em tudo isso, que nos veneráveis arquivos de Portugal e acaso alhures nem tudo está crivado. Impunha-se, porém, o risco. Que nosso Mestre enfrentou com garbo, disciplinando dia a dia, noite a noite, mês a mês, ano a ano não só o acervo, não só o método, senão que a sua própria metodologia – com o que Leodegário se fez um dos grandes mestres contemporâneos da ecdótica em nossa língua, abrindo os horizontes do enfrentamento do mais complexo caso dessa natureza para nós brasileiros – o de Gregório de Matos.

O fato é que a tarefa para com Camões pareceu a muitos, a quase todos, quando a proposta se fez do conhecimento público, algo como algo insensato: era tentame para ser enfrentado por grupo de trabalho não pequeno e de qualificação diversificada e aprofundada, ou o insensato iria dar com os costados em litoral sáfaro.

Felizmente, os augúrios (não invejosos, creio-o) se revelaram ímprobos. Hoje, vemos como o milagre se fez, numa sucessão de boas surpresas: a excelente editoração de Portugal, o reconhecimento geral da correção e fecundidade do método, a aceitação universal de que o resíduo irreduzível, em lugar de apoucar, por excesso de exigência, a imagem e a substância poética de Camões, dá-lhe a este tal harmonia e coerência que mais seria impossível tão cedo desejar – ficando sempre aberta a porta para mais textos que venham a ser documentáveis dentro dos rigores com que se filtraram os mais.

Com o corte qualitativo de Leodegário Amarante de Azevedo Filho, há, hoje, uma nova fase da camonologia. Do ponto de vista quantitativo, há, também, dois pólos – ambos provindos de terras do Brasil: o quase-certamente só camoniano, este de que venho falando, e o certamente não só camoniano, que é o de Cleonice Berardinelli, pólo cuja utilidade vai crescer com a nova fase da camonística. Essa nova fase está implícita, já agora, nos trabalhos mesmos de Leodegário e de Cleonice – poupando aos futuros pesquisadores montanhas de esforços prévios, um dos quais ainda resta e sonho ver levado

a cabo pelo próprio Leodegário ou sob sua direção, nos vagares que a sua condição de Professor Emérito lhe concederá acaso. Ter-se-á notado a proficiência comentária sobre Os Lusíadas como cresceu de riqueza exemplificativa a partir da publicação do índice da épica, de Antônio Geraldo Cunha. Assim, como preliminar para a conjugação e articulação dos dois universos camonianos – o épico e o lírico –, há, em alto grau de prioridade, a necessidade de um índice da lírica, da lírica camoniano-leodegariana, segundo a metodologia seguida por Antônio Geraldo Cunha.

Os novos estudos se desembaraçarão. A partir dos protestos contra o inflacionamento da lírica, houve – como é natural – uma contenção no afirmar Camões: seria dele o que se queria citar, comentar, estudar?

Mas agora, de outro lado, a tradição/recepção da lírica – graças a um êxtase místico que a tornou receptáculo de quanto soneto, anônimo, pudesse ser tido como de qualidade – não poderá, obviamente, ser abandonada, da noite para o dia, como rebotalho de uma insensatez coletiva: e Leodegário será por certo o primeiro a colaborar, gostosamente, nesse esforço de uma filtragem às avessas, em que o índice lírico – pelos registros, pelas ocorrências, pelas freqüências – será de valia inestimável.

Não é lícito fazer um balanço de uma vida que, para felicidade de todos os seus amigos e admiradores, está a meio. Nosso Mestre não parará, tão grande é o seu ânimo de buscar, de servir, pois aqui estaremos para transformar esse servir num justo luzir, a fim de dar-lhe aquele “favor com que mais se acende o engenho”, que o Vate não teve mas nós devemos dar àqueles que, no mundo de hoje, tentam sobrepassar as asperezas e pequenezes do tempo e do lugar: Leodegário Amarante de Azevedo Filho merece-o, e aqui neste livro comprovamo-lo.

Arte e vida longas, Mestre e Companheiro!